



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

DIEGO TADEU LIMA SILVA

**O ESPAÇO URBANO DE CAMPINA GRANDE – PB NA E. N. E. P. E. V. C: relato de
uma prática no ensino de Geografia.**

**CAMPINA GRANDE
2014**

DIEGO TADEU LIMA SILVA

O ESPAÇO URBANO DE CAMPINA GRANDE – PB NA E. N. E. P. E. V. C: relato de uma prática no ensino de Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pré-requisito necessário para obtenção do Título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^ª Me. Marlene Macário de Oliveira

CAMPINA GRANDE
2014

S586e Silva, Diego Tadeu Lima.

O Espaço Urbano de Campina Grande – PB na E. N. E. P. E. V.
C [manuscrito] : relato de uma prática no ensino de geografia. /
Diego Tadeu Lima Silva. - 2014.

41 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Marlene Macário de Oliveira,
Departamento de Geografia".

1. Ensino de Geografia. 2. Ensino aprendizagem. 3. Prática
didática. 4. Prática de ensino. 5. Urbanismo. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

DIEGO TADEU LIMA SILVA

O ESPAÇO URBANO DE CAMPINA GRANDE – PB NA E. N. E. P. E. V. C.: relato de uma
prática no ensino de Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado por DIEGO TADEU LIMA SILVA
como parte dos requisitos para obtenção do título de LICENCIADO EM GEOGRAFIA
outorgado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

APROVADO EM: 14 / 03 / 2014

BANCA EXAMINADORA:

Marlene Macário de Oliveira

Prof.^a Me. Marlene Macário de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba
Orientadora

Josandra Araújo Barreto de Melo

Prof.^a Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo
Universidade Estadual da Paraíba
1º membro

Maria das Graças O. Ramos

Prof.^a Me. Maria das Graças Ouriques Ramos
Universidade Estadual da Paraíba
2º membro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pelo dom da vida e pelo seu amor infinito, pois sem ele não estaria aqui nesse momento tão especial. Em seguida, agradeço aos meus familiares: minha mãe Célia, meu pai Daniel, meu padrasto Antônio e meus irmãos Darlan Tiago e Daniela Tais, porque sempre me deram uma palavra de incentivo e me estenderam a mão nos momentos que mais precisei.

A minha namorada Sabrina O'Neil ofereço um agradecimento mais do que especial, pois foi ela quem me ajudou de todas as formas possíveis. Nos momentos onde quis fracassar e desistir, ela sempre se posicionou de forma contrária, me dando o apoio necessário, carinho, respeito, além de ter me aturado nos momentos de estresse, e por tornar minha vida cada dia mais feliz. Sempre do meu lado chorou, sorriu e agora comemora comigo essa conquista.

Agradeço a professora Marlene Macário que acreditou e me orientou nessa difícil tarefa, se comprometendo para que esse trabalho tivesse êxito.

Aos professores do curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, em especial a Professora Josandra Araújo Barreto de Melo, Maria Das Graças Ouriques Ramos e os demais que contribuíram de forma significativa na minha formação.

Aos meus colegas de curso Joseilton Batista, Fabrício Olegário, Mário Ferreira e os demais que, durante essa caminhada, se tornaram não só amigos, mas irmãos, que levarei comigo para toda minha vida.

A todos, um muito obrigado de coração, nada seria feito sem a contribuição de vocês, e aos não citados tenham certeza que essa conquista eu compartilho com todos, mais um degrau foi alcançado, que Deus possa iluminar e abençoar cada um de vocês.

“Sonho parece verdade quando a gente esquece de acordar”. Hoje, vivo uma realidade que parece um sonho, mas foi preciso muito esforço, determinação, paciência, perseverança, ousadia e maleabilidade para chegar até aqui, e nada disso eu conseguiria sozinho. Minha eterna gratidão a todos aqueles que colaboraram para que este sonho pudesse ser concretizado.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A GEOGRAFIA E O SEU ENSINO NO BRASIL	8
3	O PIBID E AS METODOLOGIAS PARA ENSINAR E APRENDER.....	12
3.1	Contribuições do Estudo do Meio para a compreensão do espaço Geográfico.....	13
3.2	A Música no Ensino da Geografia: aproximações com o espaço vivido.....	14
4	O ESTUDO DO ESPAÇO URBANO EM CAMPINA GRANDE, PB NA ESCOLA NORMAL ESTADUAL PADRE EMÍDIO VIANA CORREA	17
4.1	A Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correa.....	19
4.2	O espaço urbano de Campina Grande e o ensino de Geografia na E.N.E.P.E.V.C.	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6	REFERÊNCIAS	36
	APÊNDICES	38

O ESPAÇO URBANO DE CAMPINA GRANDE – PB NA E. N. E. P. E. V. C: relato de uma prática no ensino de Geografia.

Diego Tadeu Lima Silva - ID
Universidade Estadual da Paraíba
diego_tadeu2010@hotmail.com

RESUMO

A Geografia, enquanto ciência é bastante importante na formação profissional, no âmbito da licenciatura tem como objetivo - a comunicação do espaço geográfico para os profissionais, do ensino que atuarão na sociedade. Nas escolas poucos licenciados profissionais ou não da área (professores em exercício) e licenciandos (alunos graduandos) atribuem a devida importância, desta ciência, na formação de cidadãos críticos e participativos. Nesta perspectiva, desenvolveu-se uma experiência didático-pedagógica contributiva para a qualificação profissional destes sujeitos, para melhor estabelecimento de uma relação reflexiva entre o curso, a escola e o espaço urbano da cidade. O público alvo desse trabalho foram alunas das turmas do Curso Profissionalizante em Eventos oferecido da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, localizada na cidade de Campina Grande - PB. Tendo como foco aproximar a relação teoria-prática no ensino de Geografia com o espaço urbano da cidade, procurou apresentar um pouco da sua história a partir das metodologias: estudo do meio e música. A experiência foi baseada na participação dos alunos e professores para a aprendizagem do espaço da cidade contribuindo, indubitavelmente, aos presentes e futuros exercícios no magistério. A pesquisa teve como objetivo analisar esta experiência vivenciada na escola, relacionando com as mudanças ocorridas no espaço geográfico de Campina Grande-PB e também elencar a importância do PIBID/CAPES/UEPB, Subprojeto de Geografia na formação do licenciado para que os mesmos possam desenvolver nas aulas de Geografia diversas formas de ensinar-aprender. A metodologia trabalhada além de dinamizar as aulas, tornou-a mais dinâmicas, desmistificando a imagem de uma disciplina mnemônica e enfadonha.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Estudo do Meio; Música; PIBID.

ABSTRACT

Geography as a science is very important in training, given the specificity of its object - the communication of geographic space for professionals, education that will act in society. In schools a few licensed professionals or not the area (practicing teachers and undergraduates (graduate students) attach due importance, this science in the formation of critical and participative citizens. In this perspective, we developed a contributory didactic- pedagogic experience for the qualification of these subjects, to better establish a reflexive relationship between travel, school and city urban space. The target of this study were students of the classes of Vocational Course in Events offered the State Normal School Fr Emidio Correia Viana , located in the city of Campina Grande - PB. Focusing on bringing theory - practice relationship in teaching Geography with the urban space of the city, sought to present a bit of its history from the methods: study of the environment and music. The experience - based authors such as Cavalcanti (2010), Kimura (2010) streamline the participation of students and teachers for the learning space, so that the teaching-research fellows offered to students enriches undoubtedly the present and future years in teaching. The research aimed to analyze this experience within the school, relating to the changes in the geographical space of Campina Grande- PB and also

list the importance of PIBID / CAPES / UEPB, Activity of Geography in the formation of the licensee so that they can develop Geography lessons in various forms of teaching-learning, the methodology crafted and streamline the classes became more dynamic, demystifying the image of a mnemonic and boring discipline.

Keywords: Teaching Geography; Environmental Studies; Music; PIBID.

INTRODUÇÃO

A educação vem passando por várias mudanças, são avanços que vem sendo observado na atualidade, porém alguns professores ainda insistem em trabalhar de forma tradicional em suas aulas, utilizando apenas dos livros e da lousa. Na Geografia escolar não é diferente, a disciplina segue o modelo citado e muitos não dão a importância necessária, por achar que é uma disciplina cansativa e enfadonha.

A disciplina Geografia na escola é importante para que os sujeitos sociais, em aprendizagem, compreendam como se organiza o espaço geográfico, nas dimensões: natural, social, política e histórico-cultural, onde este conhecimento sobre o espaço é construído pelos cientistas que analisam, sistematizam, catalogam e, produzem novas incursões exploratórias. Entretanto, nem sempre existe a compreensão de tais especificidades, pelos motivos mais variados, o que implica no desenvolvimento de visões equivocadas por parte dos alunos acerca da Geografia escolar, o que requer, por parte do sistema educacional como um todo, pesquisas, planejamento e implementação de metodologias e usos diversos de recursos didáticos visando desfazer tal imagem.

É necessário que o público escolar entenda o sentido da Geografia e o seu papel na construção da sociedade, visto que o seu ensino possibilita formar indivíduos que aprendam a conhecer, a ser e a conviver, reconhecendo as contradições e os conflitos existentes no mundo, que também passa por um intenso processo de transformação.

Sabendo que a Geografia apresenta alguns obstáculos e que precisa receber uma melhor atenção, a Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correa, foi uma das Escolas selecionadas para acolher o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB, Subprojeto de Geografia que busca dar mais experiência aos alunos licenciandos, fazendo com que os mesmos desenvolvam métodos de ensino, e contribua de forma positiva na formação do alunado.

Procurou-se aperfeiçoar e valorizar a formação de professores para a educação básica, concedendo aos alunos licenciandos bolsas de estudo, e fazendo parceria com escolas da rede

pública de ensino oferecendo aos mesmos a oportunidade de vivenciar a realidade do ensino no país. Entre os objetivos que o programa oferece, um bastante interessante é o de proporcionar e dar oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador, buscando superar os problemas identificados no ensino aprendizagem.

Assim, escolhida uma turma do Curso Técnico em Eventos da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correa, no bairro do Catolé, em Campina Grande/Paraíba, teve como principal objetivo desenvolver uma experiência didático-pedagógica contributiva para esta qualificação, para melhor estabelecimento de uma relação entre o Curso Técnico em Eventos e o espaço urbano da cidade. Desta feita, optou-se por trabalhar este conhecimento a partir da metodologia do estudo do meio e da música, tecendo relações entre o saber acadêmico e o saber da prática profissional quanto à construção do conhecimento do espaço Geográfico de Campina Grande, Paraíba. Esta opção ocorreu considerando a importância do curso em relação à vida profissional destes indivíduos.

A utilização de práticas pedagógicas lúdicas tem se mostrado como uma proposta de ensino aprendizagem favorável na promoção do conhecimento no cotidiano das pessoas. Neste trabalho, a prática de ensino em Geografia possibilitou o contato com as alunas das turmas do Curso Profissionalizante em Eventos da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, e apontou que, utilizando, métodos dinâmicos para a compreensão dos conteúdos Geográficos na cidade, se favorece e contribui para uma atuação profissional crítico-reflexiva, como também provoca uma discussão em torno da importância da disciplina no cotidiano dos sujeitos em aprendizagem quanto a dimensão, histórico-geográfica da cidade.

2 A GEOGRAFIA E O SEU ENSINO NO BRASIL

A Geografia Brasileira, desde a sua institucionalização, seguia algumas tendências no seu direcionamento, como a árida descrição das paisagens criando, assim, uma concepção tradicional a seu respeito. O aparecimento enquanto disciplina autônoma no currículo escolar brasileiro ocorreu a partir de 1837, com o decreto expedido pela regência interina, onde foi criado o Imperial Colégio Pedro II, localizado no Rio de Janeiro. A referida escola recebera o status de escola padrão, criado para ser um templo do saber oficialmente aceito.

A Geografia escolar ensinada no Brasil, na época, reproduzia, quase que na íntegra o que estava sendo estudado nos liceus franceses. Não só se estudava no Brasil a Geografia

considerada interessante, pelo governo francês para ser difundida, como também se faziam os estudos em compêndios franceses. Ao longo de todo o período imperial, a situação não foi revertida e a Geografia escolar permaneceu sob influência do modelo francês, durante muito tempo. Onde segundo Rocha (2000)

Durante quase todo o período imperial, o ensino de Geografia manteve-se quase que inalterado em suas características principais, tendo sofrido poucas alterações no que diz respeito ao conteúdo ensinado ou mesmo na forma de se ensinar. Praticou-se, durante todo o período, a Geografia escolar de nítida orientação clássica, ou seja, a geografia descritiva, mnemônica, enciclopédica, distante da realidade do(a) aluno(a). (ROCHA, 2000, p.131)

Pode-se perceber que a Geografia sempre teve características de uma disciplina cansativa, por apenas descrever o que se era observado no espaço, tornando os conteúdos distantes de uma realidade dos alunos, além de sustentar durante bastante tempo conceitos prontos, considerados “únicos e verdadeiros”.

A Geografia no Brasil passou por vários momentos e, aos poucos, foi ganhando seu espaço, não só na sociedade, mas em relação ao desenvolvimento do território, pois os estudos desenvolvidos no Brasil buscavam conhecer o que o País tinha de melhor em relação aos fatores naturais, regionais e físicos, onde dessa forma acrescentaria informações no ensino da disciplina. As principais características do ensino de Geografia eram a disseminação da ideia de conhecer os aspectos naturais e territoriais do Estado ou Nação, com a intenção de criar no estudante um sentimento de patriotismo.

Segundo Andrade (1992, p.81), a Geografia deu um grande passo após a revolução de 1930, período em que a burguesia e a classe média passaram a exercer maior influência sobre o governo e passaram a atenuar o poder dos chefes da economia agrário-exportadora. Nesse mesmo período, foram criadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade de São Paulo e na Universidade do Brasil, dando um cunho científico a disciplina, até então ministrada nas escolas por profissionais de outras áreas.

A criação das faculdades de Geografia possibilitou a ciência geográfica galgar uma posição privilegiada. Foi a parti daí que a Geografia no país começou a ter maior contribuição e participação na sociedade. Tendo o espaço geográfico como campo de estudo, abre-se o caminho para uma variedade de elementos que podem ser explorados pelos professores de Geografia do país, cabendo aos mesmos aprimorarem suas formas de ensinar, a fim de levar seus alunos a vivenciar outras estratégias na disciplina. Entretanto, verifica-se que a maior parte dos professores ainda está presa aos métodos tradicionais de ensino, conduzindo as aulas

apenas com o livro didático, distanciando os alunos da realidade vivida e não explorando o cotidiano dos mesmos, inibindo sua capacidade de reflexão.

A Geografia tradicional tem como característica a observação e descrição dos lugares. Os conteúdos são pré-estabelecidos considerando-se a dimensão do espaço absoluto, partindo sempre do mais próximo e seguindo com a ampliação dos espaços, cada vez mais distantes.

Essa forma tradicional sempre foi questionada, pois a aprendizagem dos alunos parte das observações que eles tem dos lugares onde habitam e as formas como os mesmos leem o espaço que estão inseridos.

Portanto os conhecimentos tradicionais, se posicionam de forma contraditória em relação a organização e produção do espaço geográfico pois ela parte do pressuposto que o homem tem que conhecer o mundo, o indivíduo não pode seguir a uma ordem constituída, o homem precisa participar da produção do espaço. Segundo Moraes (2007, p.122), “é necessário saber pensar o espaço, para saber nele se organizar, para saber nele combater”. Então, com isso, pode-se confirmar a Geografia crítica como uma construção do ser pensante e reproduzidor do conhecimento que se produz, aquele que enfrenta uma ordem se posicionando diante de problemas que se delineiam.

Por isso, procurou-se trabalhar nessa perspectiva de tornar os alunos seres questionadores, e que pensam em uma Geografia que sirva como um instrumento de libertação do homem. Oliveira, Farias e Sá (2008, p. 113) afirmam que é na leitura e na compreensão transformadora do espaço geográfico que se vê a contribuição da Geografia para a superação das desigualdades sociais é, portanto, para a construção de uma sociedade mais justa.

Essa forma de liberdade remete a Geografia Humanística. Esta opção de pensamento, no âmbito do ensino posiciona o indivíduo como alguém que tem sensações, que sente e consegue perceber o que está em sua volta, ~~que~~ formando suas imagens a partir da subjetividade. A Geografia Humanística se consagra buscando sempre um reconhecimento quanto ao propósito de alcançar um melhor entendimento do homem e de sua condição no mundo vivido correlacionando ao estudo e à descrição da interação entre a sociedade e o espaço. Desta forma, ajuda o homem a entender o espaço geográfico em que vive. Pode-se compreender como sendo a leitura crítica das percepções e transformações sobre o espaço, no transcorrer do tempo, assim como a incidência do espaço sobre a sociedade, isto é, a relação do homem com o espaço, o homem espacializado.

A Geografia sempre procurou desenvolver estratégias para o futuro da disciplina, a fim de tornar uma ciência diferenciada na construção do conhecimento do indivíduo. Através

dessa perceptividade é que o educador deve buscar trabalhar com metodologias que tornem os conteúdos mais compreensíveis para os alunos, seja através do livro, ou de outros recursos como a música, ou até mesmo das novas tecnologias, de forma a tornar e dar materialidade aos elementos do espaço, destaca Cavalcanti (2010)

O ensino de Geografia, não deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência, (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições. (CAVALCANTI, 2010, p. 20)

Percebe-se que a maioria dos professores cumpre fielmente os conteúdos dos livros didáticos, retirando e respondendo questões dos mesmos, sem dar a oportunidade dos alunos expressarem suas ideias e críticas. Apesar dos livros didáticos possuírem conteúdos abrangentes, é necessário que o professor abra espaço para o diálogo formando, assim, conceitos bem particulares entre os indivíduos do grupo.

Segundo Oliveira (1998, p.137), “a grande maioria dos professores na rede de ensino sabe bem que o ensino atual de Geografia não satisfaz nem ao aluno e nem mesmo ao professor que o ministra”. Com isso, percebe que uma mudança precisa ser feita e novas metodologias necessitam ser trabalhadas, para que a aula não torne algo monótono. Dessa forma, cabe a esse profissional a tarefa de prover formas diferenciadas de trabalhar os conteúdos com os seus alunos, levando o grupo a interessar-se pela Geografia.

Observou-se que Geografia é uma disciplina bastante abrangente e poderia ser mais explorada, mas não é isso que acontece e as principais vítimas são os alunos que não tem o conhecimento desejado, pois de forma perceptível foram concretizados esses acontecimentos na fala do seguinte autor quando cita:

A Geografia que se ensina e se aprende não os motiva mais e, seguramente, está muito longe das reais necessidades. A geografia foi perdendo aquilo que de especial ela sempre teve – discutir a realidade presente dos povos, particularmente no que se refere a seu contexto espacial. (OLIVEIRA, 1998.p 138)

É nessa visão onde se observa que a Geografia está perdendo o seu espaço e importância na percepção dos alunos, por se distanciar do real objetivo proposto o qual era discutir a realidade. Essa seria uma forma de aproximar ainda mais o aluno e tornar a disciplina uma ciência que não construa revoltados, mas cidadãos conscientes e atuantes quanto aos acontecimentos que os circundam.

O professor é o principal responsável por essa formação, segundo Resende (1986, p.20)

O professor deverá propor o estudo que seja conseqüente para o aluno. E as experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem. (RESENDE, 1986, p.20)

Pode-se perceber a necessidade de professores com melhor qualificação profissional, para que a partir de tal fato, tenham seu diferencial em relação aos outros profissionais. Tem-se que trabalhar aliando os conhecimentos adquiridos na academia com o cotidiano dos alunos. Esse conjunto se torna um fator fundamental na aprendizagem do indivíduo.

A formação acadêmica, em especial a dos cursos em licenciatura, tem apresentado algumas falhas e a universidade junto com o Governo Federal vem oferecendo aos alunos a oportunidade de vivenciar de forma mais aprofundada a realidade vivida nas escolas. O PIBID é uma destas iniciativas e busca qualificar ainda mais os futuros docentes para sua vida profissional e diversas experiências que serão desenvolvidas nas escolas.

3 O PIBID E AS METODOLOGIAS PARA ENSINAR E APRENDER

O PIBID é um programa do Ministério da Educação (MEC), que atende às atribuições legais da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para incentivar e fomentar a formação inicial e continuada de profissionais do magistério. É uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura para os mesmos desenvolvem projetos que serão trabalhados em escolas da rede pública. Essas experiências vividas pelos licenciandos faz com que passem a conhecer um pouco da realidade que irá encontrar na vida profissional.

O programa apresenta vários objetivos, entre eles estão: contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promover a integração entre educação superior e educação básica; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionar novas práticas metodológicas, tecnológicas de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, essa objetividade oferecida faz com que o futuro docente aproxime os conhecimentos vividos na academia com o empirismo levado pelo aluno para a sala de aula.

A Geografia, por trabalhar um espaço dinâmico e complexo, que está em constante transformação, constitui de forma metodológica uma interdisciplinaridade, pois fica difícil abordar todos os fatores em uma disciplina isolada.

O projeto tem uma grande relação com várias disciplinas e vários cursos em licenciatura são beneficiados pelo programa, pois o mesmo oferece experiências únicas na formação do docente, fazendo com que os alunos se preparem de forma diferenciada em relação aos demais alunos que não tem a mesma oportunidade. O projeto desperta no discente um grande potencial de criatividade para se trabalhar em suas aulas futuras, desenvolvendo novas metodologias e aperfeiçoando as já existentes.

O apoio dado ao licenciando em relação à Geografia foi encaminhar possibilidades a partir do currículo das turmas participantes (2º ano), incorporando ao mesmo uma abordagem centrada no objeto (a cidade de Campina Grande) e nas categorias geográficas (espaço e paisagem). Com base nessas categorias geográficas constitui uma lógica para apreender as transformações históricas e pouco perceptíveis pela visão estática da sociedade ou, neste caso, no interior da sala de aula.

3.1 Contribuições do Estudo do Meio para a compreensão do espaço Geográfico

O estudo do meio, por se tratar de uma forma interdisciplinar no ensino-aprendizado, não é algo novo, conforme destaca Goettms, (2006):

A metodologia de ensino que atualmente é denominada, ainda que muitas vezes de forma indiscriminada, de “Estudos do Meio”, é o resultado do trabalho de inúmeros educadores que, ao longo de várias décadas, se dedicaram a construir práticas de ensino que possibilitassem uma melhor compreensão do mundo e a superação dos desafios sócio educacionais que se lhes apresentavam à época. (GOETTMS, 2006, p.52)

Essa prática é bastante antiga e, atualmente, ainda é pouco efetivada pelos professores de Geografia, apesar de aproximar, de forma significativa a relação com o mundo habitado. O educando precisa conhecer o que está em sua volta, principalmente as questões sociais, políticas e outras que abordam o bem estar de uma comunidade. Assim, cabe ao docente, junto com os alunos, procurar trabalhar esses fatores tão importantes para a formação de um cidadão crítico.

Desenvolver nas aulas de Geografia o estudo do meio, muda a percepção que muitos tem da disciplina. Se o professor torna-se um indivíduo refém do livro didático, só reforça

esse pensamento nos alunos. Portanto, devem-se procurar novas possibilidades de ensinar Geografia no espaço escolar, abordando fatores espaciais da cidade que os mesmos habitam, aproximado a teoria vista em sala com a prática, momento no qual os mesmos podem ter um melhor contato com o que foi estudado. Pontuschka; Paganelli e Cacete apud Oliveira (2013), afirmam que

Essa didática pode aguçar a reflexão do aluno para produzir conhecimentos que não estão nos livros didáticos, posto o status quo que no ensino de geografia “deve” se seguir página por página ou assuntos contidos no livro didático ou que esses manuais ensinam sozinhos a partir da sequência: a) ler o texto; b) realizar as atividades e c) acompanhar as estratégias didáticas indicadas utilizando-o com um fim, e não como um meio, no processo de aprendizagem (Pontuschka; Paganelli e Cacete apud Oliveira, 2013, p.2).

Isso mostra que o livro deve ser apenas um material auxiliar no ensino-aprendizado e que as atividades extra sala, apresentam uma contribuição positiva na construção do conhecimento, corroborando com o pensamento de Cavalcanti (2008, p. 122) “os conteúdos referentes à cidade propiciam instrumentos relevantes ao aluno para que ele possa compreendê-la em sua complexidade, com base em suas próprias experiências com esse espaço e, essa responsabilidade cabe a escola que educa para a formação da cidadania e, particularmente, a Geografia escolar, que lida com temas da cidade e dos espaços urbanos”.

Estudar o lugar que está inserido faz do aluno um ser que pensa o mundo com outras concepções, além de valorizar os fenômenos geográficos estudados em sala de aula e que são referências do espaço vivido dos alunos. Essa reflexão serve ao trabalho individual e coletivo nas práticas pedagógicas desenvolvidas e tem como finalidade, melhorar a formação do aluno e construir um currículo mais próximo dos seus interesses e da realidade vivida. O estudo do espaço urbano da cidade favorece, sobremaneira, aos conceitos apreendidos sobre o meio que está em sua volta.

3.2 A Música no Ensino de Geografia: aproximações com o espaço vivido

Alguns estudos (PINHEIRO, 2004; PEREIRA, 2011; SCHROEDER 2009; CORRÊA e ROSENDAHL, 2009) vêm sendo desenvolvidos com a utilização da música enquanto recurso didático nas aulas de Geografia, tendo em vista que a mesma pode ser uma ferramenta de fundamental importância na construção do ensino-aprendizado do aluno. Despertando nestes a satisfação, o prazer e a curiosidade nessas aulas, estimulando a produção do conhecimento sobre o conteúdo curricular dos mesmos.

Há muito tempo que o ensino, de um modo geral, é desenvolvido numa perspectiva tradicionalista, através de aulas monótonas e pouco produtivas. Porém, os profissionais da educação necessitam mudar de atitudes e optar por métodos de ensino que melhorem o aprendizado, onde os alunos e não mais os professores passem a ser o centro do ato educativo.

Atualmente, cria-se uma perspectiva de um ensino mais dinâmico, com uma maior interação entre o professor e o aluno. Pensando nisso, procurou-se desenvolver, no presente trabalho, discussões geográficas que estão presentes no cotidiano vivido por estes alunos e que passam despercebidos, respeitando os conteúdos da grade curricular e inserindo a música para estabelecer relações com o espaço urbano de Campina Grande.

A metodologia optada, a partir da música que foi o recurso escolhido para o trabalho na sala de aula contribuiu para um melhor ensino-aprendizado no ensino de Geografia. A música por ser uma linguagem lúdica, é capaz de expressar sentimentos e opiniões. Desta forma, é um recurso didático dinâmico a ser utilizado em sala de aula, principalmente com crianças e adolescentes, os quais estão em descoberta da vida e que gostam de fazer coisas diferentes. Diante dessa realidade, é viável sua contribuição no ensino de Geografia, na medida em que aborda várias temáticas relacionadas ao espaço geográfico.

A música está presente em todos os meios sociais, trazendo mensagens, denunciando irregularidades, enfim, abordando os mais variados temas, entre os quais pode-se citar o ser humano e sua relação com o meio ambiente. Nesse contexto, desperta às pessoas para uma nova realidade, onde cada ato reflete uma ação e as mensagens que são repassadas são propagadas mais rapidamente. É nessa perspectiva crítica que os professores devem explorá-la como um recurso metodológico dentro do processo de ensino-aprendizagem, conforme relata Schroeder (2009, p.08)

A música, enquanto linguagem imbuída de sentimentos e representatividade da vida e de diferentes concepções desta é um elemento de comunicação que perpassa diferentes circunstâncias e fatos sociais, permitindo assim aliar os conteúdos das disciplinas, neste caso da Geografia, com a mensagem transmitida pela linguagem musical. (SCHROEDER 2009, p.08)

A música se bem trabalhada em sala pelo professor regente, os alunos terão uma melhor compreensão do tema abordado, permitindo ainda de forma intrínseca relacionar com outros conteúdos.

Foi considerando que a música sempre esteve presente na vida das pessoas que procurou-se trabalhar este recurso didático, pois alguns autores afirmam que, com a utilização desse recurso o aluno pode ter uma melhor compreensão no processo de ensino-

aprendizagem, pois a mesma aborda vários fenômenos geográficos e precisa ser mais bem explorada pelos professores em suas aulas. PINHEIRO *et al* (2004, p. 104) afirma que

Uma das vantagens de utilizar a música na Geografia se afirma na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violências, guerras, conflitos raciais, fome, falta de infraestrutura nas cidades, belezas naturais, como também degradação ao meio ambiente, fazem parte dos temas abordados por muitos compositores [...]. (PINHEIRO *et al*, 2004, p. 104)

Através dessa afirmação, observa-se a importância da música em sala de aula. Como a Geografia aborda vários assuntos, optamos selecionar artistas que expressassem em suas letras diversos temas relacionados ao espaço urbano de Campina Grande facilitando a dimensão pedagógica no ensino de Geografia, isso tornou a aula cada vez mais atraente, desmistificando o caráter de uma disciplina apenas descritiva, cansativa, enfadonha e menos importante que as demais.

Devemos sempre explorar esse recurso didático no ensino de Geografia apresentando e inter-relacionando o conteúdo e a sua contribuição na construção do conhecimento sobre o espaço Geográfico. Percebeu-se ainda, no desenvolvimento do projeto, a facilidade quanto ao entendimento do que estava sendo trabalhado. Destacar sempre que a música precisa ser antes, analisada pelo professor e só após ser levada aos alunos para discussão.

Apesar de a música ser um, dentre outros, recurso didático importante no processo de ensino-aprendizagem, observou-se no decorrer do projeto, que a mesma não tem sido muito utilizada no cotidiano escolar, sobretudo nas aulas de Geografia. Isso também tem sido observado por Corrêa e Rosendahl (2009, p. 128), ao afirmarem que “a música popular como uma área de investigação geográfica ainda não foi devidamente explorada”.

Com isso, procurou-se trabalhar a música em sala de aula, por perceber que a cidade é rica em artistas que conseguem expressar de forma brilhante a história e as mudanças ocorridas no espaço, seja ela efetuada pelo homem ou pela natureza.

No decorrer das atividades, procurou-se apresentar letras de músicas, que complementar a metodologia desenvolvida para o conhecimento do espaço urbano de Campina Grande, PB principal foco da pesquisa. Dessa forma, procurou-se resgatar a importância de determinadas áreas para o crescimento da cidade, identificar os pontos históricos que passam despercebidos pelas gerações atuais e que foram fundamentais para o desenvolvimento local, assim como foi feito um resgate histórico comparando o espaço Geográfico em épocas passadas com o momento atual, através das transformações impulsionadas pelos meios técnico-científico-informacional.

As músicas que complementaram a metodologia desenvolvida para o conhecimento do espaço histórico-geográfico de Campina Grande - PB mostram que mesmo com os avanços tecnológicos, os recursos considerados simples (música), são de fundamental importância por tornar o ensino-aprendizado mais dinâmico. A música de alguns compositores locais tem a capacidade de mostrar o crescimento desordenado do tecido urbano, as alterações da paisagem, as áreas históricas esquecidas pelas gerações atuais e que retratam uma época de desenvolvimento.

Vários ícones da música popular campinense utilizam dessa linguagem para expor seus pensamentos para a sociedade. Pode-se citar Jackson do Pandeiro e Marinês, como mestres em trabalhar nas suas letras a questão do desenvolvimento urbano. São mudanças que, na maioria das vezes, não são observadas por todos os habitantes da cidade.

Como a proposta do trabalho foi o de analisar as letras de músicas que abordam as mudanças paisagísticas de Campina Grande, sentiu-se a necessidade de conduzir os alunos a conhecer um pouco sobre a cidade. E o estudo do meio contribuiu para a compreensão dos aspectos históricos da cidade mencionadas nas canções trabalhadas.

4 O ESTUDO DO ESPAÇO URBANO DE CAMPINA GRANDE, PB NA ESCOLA NORMAL ESTADUAL PADRE EMÍDIO VIANA CORREA

O espaço urbano de uma cidade mostra o quanto ela se desenvolveu durante toda a sua existência. Com o passar do tempo às mudanças vão acontecendo e ficam os resquícios, o que possibilita observar e estudar as modificações ocorridas no meio.

Sabendo que o espaço é o objeto de estudo da Geografia, e que os indivíduos estão diretamente inseridos no meio tornando-os modificadores do mesmo, deixam as mudanças ocorridas no passado, na maioria das vezes, esquecidas, mas alguns pontos retratam e fazem um resgate dessas formas de desenvolvimento, como afirma Santos (2004)

O espaço, portanto é um testemunho, ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas faixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos, ao contrário, alguns processos se adaptam as formas pré-existentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas. (SANTOS 2004, p.173)

Observa-se que algumas cidades ainda apresentam alguns retalhos históricos desse desenvolvimento, pois o espaço não apaga o que foi construído. De acordo com Corrêa (1993, p.8), “o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizaram no passado e que

deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”. Pode-se afirmar que as formas são modificadas, mas alguns resquícios dessas produções se presentificam no meio, pois se sabe que o homem trabalha sobre herança. Durante o estudo do meio, pôde-se perceber isso. Na imagem registrada durante a aula de campo (Figura 1) que retrata o prédio histórico (Pavilhão do Eptácio) localizada no famoso Beco 31, pode-se perceber que há alguns fatores modernos inseridos no passado, como as faixadas e outdoors de lojas.

Figura 1 – Prédio histórico, o Pavilhão do Eptácio



Fonte: Próprio autor, 2013.

Pode-se compreender melhor na fala de Santos (2004) quando o mesmo afirma que:

Assim, quando um novo momento – momento do modo de produção – chega para substituir o que termina, ele encontra no mesmo lugar de sua determinação (espacial) formas preexistentes as quais ele adapta-se para poder determinar-se. De logo, pode-se falar do espaço como condição eficaz e ativa da realização concreta dos modos de produção e seus momentos. (SANTOS, 2004, p. 174)

Isso é observável quando se compara as formas de produção antigas com as atuais, inclusive a localização das indústrias e sua produção em alta escala. A substituição ocorreu e as adaptações também.

Com tantas formas de estudar o espaço urbano da cidade, foi consensuado com os alunos, uma perspectiva de um ensino mais dinâmico, com uma maior interação entre o professor e o aluno. Partindo de atividades próximas do cotidiano dos alunos e que passam despercebidos, como o caminhar pela cidade e a música. Em torno dessa perspectiva que se edificou a resultante proposta.

Percebeu-se que os alunos da escola se encontravam desmotivados, porque achavam que a disciplina, devido a sua importância e grande utilidade no dia-dia, deixava a desejar. Sentiam a falta da aproximação com a realidade e apresentavam dificuldade na aprendizagem, por está sendo repassado o conteúdo de forma tradicional, onde a lousa consistia no principal recurso, deixando a aula monótona.

4.1 A Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correa

O trabalho foi desenvolvido na Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correa, que foi construída no ano de 1968 e inaugurada no dia 10 de maio de 1970, constituindo uma das obras realizadas pelo administrador estadual da época, o então Governador João Agripino Filho, tendo como primeiro diretor Estácio Tavares Wanderley. A Escola está localizada na travessa da Avenida Prefeito Severino Cabral com a Rua João Lelis, no Bairro do Catolé s/nº, na cidade de Campina Grande-PB (Figura 02).

Figura 2 - Mapa da Paraíba e dos bairros de Campina Grande, destacando ao lado direito a fachada externa da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia.



Fonte: Próprio autor, 2013.

A Escola Normal brasileira surgiu nas primeiras décadas do século XIX como meio de preparação de professores que atuariam no Magistério Primário, pois estes não tinham a habilitação necessária para ministrarem aulas na Educação Primária. Segundo Tanuri (2000), a primeira escola normal brasileira foi criada na Província do Rio de Janeiro, pela Lei nº 10, de 1835, que determinava

Haverá na capital da Província uma escola normal para nela se habilitarem as pessoas que se destinarem ao magistério da instrução primária e os professores atualmente existentes que não tiverem adquirido necessária instrução nas escolas de ensino mútuo, na conformidade da Lei de 15/10/1827.

A escola tinha como foco formar professores que se dedicassem a instrução primária que era ensinar aos alunos as primeiras letras, e apresentar aos mesmos as únicas disciplinas que eram: pedagogia ou métodos de ensino.

A primeira Escola Normal buscava seguir como modelo, os métodos e currículos da Escola Normal francesa, que se baseavam em conhecimentos sobre leitura e escrita, Aritmética, princípios da moral cristã e da Religião, Gramática, Geometria e Elementos de Geografia, além da música que fez parte, como disciplina específica, durante anos, da grade curricular, mostrando-se importante na formação dos normalistas.

Estes métodos baseados na Escola Tradicional foram adotados em todo o país, durante um período em que a humanidade se encontrava constantemente em guerras, por isso era necessário ter o maior contingente de pessoas dispostas a defender a nação.

As Escolas Normais de ensino caracterizam-se por serem unidades em que o ensino médio é integrado ao magistério, formando profissionais que irão atuar nos anos iniciais do ensino fundamental. De acordo com Macêdo (2012), “a Escola Normal de Campina Grande faz parte dessa rede de escolas que foram criadas ainda no período do Império no Brasil, e também com o mesmo princípio que era formar professores para o ensino primário”.

Podemos perceber que ainda hoje essa modalidade de ensino persiste, pois a Escola Normal campinense se encaixa nesse perfil de formar profissionais para as séries iniciais, tendo como exceção o Curso Técnico em Eventos integrado, que tem o objetivo de instruir os alunos (as) para atuarem na organização, decoração dentre outras atividades do gênero e em eventos diversos. Segundo a vice-diretora da Escola existe uma equipe na própria escola formada através desse curso que é responsável pelos eventos realizados na escola. Observamos que entre as disciplinas estudadas nas Escolas normais, está a Geografia que na visão de muitos é considerada como menos importante que as demais.

4.2 O Espaço Urbano de Campina Grande e o Ensino de Geografia na E.N.E.P.E.V.C.

O município de Campina Grande está localizado no Agreste do Estado da Paraíba. De acordo com Câmara (1998, p.8), a cidade foi fundada em 1697, pelo então Capitão-mor Teodósio de Oliveira Lêdo que, em sua passagem vindo do sertão ao litoral, resolveu

descansar com os índios Ariús no local fazendo a consolidação de um povoado nas proximidades de um dos dois riachos que cortam a cidade - o Riacho das Piabas. A realização de feiras para o comércio das mercadorias trazidas pelos viajantes consolidou a ocupação, originando os primeiros espaços do ainda incipiente núcleo urbano, dando vida à cidade e iniciando o desenvolvimento urbano da mesma.

A cidade de Campina Grande se desenvolveu a passos lentos. A princípio, com o crescimento do número de habitantes, aumentou também o comércio e a cidade foi tomando forma. Em 1864, foi elevada à categoria de cidade, momento em que seu espaço urbano começava a apresentar os primeiros elementos que definem uma cidade, conforme afirma Corrêa (1993, p.6), “o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, serviço de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, reserva futura expansão”.

A cidade apresenta esses elementos, onde sua concentração em diversos aspectos ocorreu no centro da mesma. Seu desenvolvimento foi na forma centralizada e nos últimos anos começou acontecer à descentralização, momento em que foram levando as indústrias, os momentos de lazer, as residências, alguns comércios, para áreas distantes do centro. Isso mostra o quanto o centro foi importante para tal desenvolvimento.

No início do século XX, segundo Oliveira e Rodrigues (2007), mais precisamente em 1907, com a chegada do trem trazido pelo então prefeito Cristiano Lauritzen a cidade passou a crescer mais rapidamente, com a facilidade do transporte de cargas incrementando a economia e, por consequência, o crescimento populacional e urbano. De acordo com o autor, Corrêa (1993, p.38), “a cidade mantém uma série de ligações com o mundo do exterior a ela, ligações que envolvem fluxos de capitais, mercadorias, pessoas e ideias”.

As vias de acesso desenvolvidas pelo prefeito da época mostram que a cidade passa a ter uma visão de crescimento, onde os lugares distantes seriam aproximados e o elo traria resultado positivo, para a economia local.

Campina Grande, ao longo de sua história, passou por diversos marcos que impulsionaram o seu desenvolvimento e “progresso”. Na década de 1930, com o início do governo do Prefeito Vergniaud Wanderley ocorreu à chamada “modernidade”, que era a palavra de ordem da cidade (CÂMARA, 1998, p. 95). Com a entrada de Vergniaud na prefeitura, surgiram bancos, mercados, escolas e novos prédios, com destaque para o Grande Hotel.

Naquele momento, o centro vivia o movimento de “bota abaixo”, havia um sentimento de reconstrução da cidade em torno de um projeto arquitetônico futurista de desenvolvimento.

Foi então que várias mudanças ocorreram, o centro foi todo refeito e o estilo Art'decor prevaleceu. A principal avenida da cidade foi construída - Av. Floriano Peixoto, destruindo tudo que interrompesse sua passagem, entre os monumentos destruídos, destaca-se a Igreja do Rosário, que ficava em frente a Praça da Bandeira, um espaço bastante frequentado pela população da época.

O comércio e a exportação de algodão ganharam impulso, fazendo de Campina Grande, em poucas décadas, o centro econômico mais importante da Paraíba e um dos principais do Nordeste brasileiro. Em virtude disso, Campina Grande foi se tornando referência mundial na exportação dessa cultura. O ápice do seu desenvolvimento ocorreu na década de 1940, quando se tornou a segunda maior exportadora de algodão do mundo, atrás apenas de Liverpool na Inglaterra.

Com o passar do tempo a cidade foi se desenvolvendo em várias áreas, a exemplo do setor de serviços, como o tecnológico e educacional. No ano de 1960, ganhou a implantação da Escola Politécnica e logo após, a Universidade Federal da Paraíba, atraindo um grande número de estudantes de diversos Estados, tornando-se referência na formação de uma educação de qualidade em ensino superior de todo o Nordeste. Isso enriquece ainda mais a cidade, tornando-a desenvolvida em todos os setores.

As mudanças ocorridas na cidade estão registradas de várias formas, nos interessando aqui destacar a contribuição através das composições de artistas da música popular campinense, onde os mesmos utilizam dessa linguagem para expor seus pensamentos para a sociedade. Jackson do Pandeiro e Marinês são alguns dos mestres em trabalhar nas suas letras a questão do desenvolvimento urbano. Retratam mudanças que, na maioria das vezes, não são observadas por todos os habitantes da cidade.

Na Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correa, a proposta desenvolveu-se partindo da observação realizada de forma direta, através de um levantamento feito com a aplicação de questionários (Apêndices). Com estes, foi possível observar e analisar a lacuna que o Curso Técnico em Eventos enfrenta com a disciplina de Geografia, pois os conteúdos oferecidos se mostraram distantes da necessidade que os alunos precisam na sua formação. A metodologia apresentada para o desenvolvimento das aulas demonstrou uma melhor utilidade na formação profissional dos mesmos.

O método utilizado neste trabalho tratou-se de pesquisa qualitativa, realizada com base em análise de documentos produzidos nas diferentes etapas da prática de ensino efetivada no contexto da Geografia, se desdobrando na corrente da Geografia Crítica e na Geografia Humanística que observa e analisa as experiências do homem e a sua relação com a

sociedade, a fim de entender seus comportamentos e, a partir daí, as suas particularidades em relação ao meio.

O trabalho se desenvolveu metodologicamente, através de textos fornecidos pelos bolsistas do PIBID, onde os alunos tiveram um primeiro contato com a história da cidade. Em seguida, realizou-se uma aula de campo e os mesmos tiveram um contato com a realidade, foi uma oportunidade de vivenciar a teoria, vista em sala de aula, com a prática, visitando os locais abordados. Logo após, em sala de aula, analisou-se as letras das músicas propostas “Alô Alô Campina Grande” de Jackson do Pandeiro e “Campina Grande Centenária” de Marinês, onde se conseguiu debater sobre as mudanças paisagísticas e a importância da música para o ensino aprendido.

Os alunos participantes são pessoas que, em alguns casos, já concluíram o Ensino Médio que buscam se qualificar e conseguir um espaço no mercado de trabalho. Com isso, a música dinamizou as aulas, e contribuiu de forma positiva proporcionando ao público alvo uma carga maior de conhecimentos acerca do espaço da cidade de Campina Grande, através do conhecimento das estruturas e processos que transformam as formas e funções urbanas da articulação das diversas escalas geográficas e suas implicações vindas a facilitar a atuação desses tecnólogos no mercado de trabalho após a conclusão do curso, além de propiciar um enriquecimento na sua formação enquanto cidadãos.

Neste espaço escolar foram aplicados os questionários em três momentos. A princípio, procurou-se conhecer dos alunos sua relação com o ensino da Geografia e a importância para a vida (Apêndice 01). Em seguida, foi feito um levantamento sobre a importância de uma aula de campo para o curso técnico em eventos (Apêndice 02). E, por fim, os alunos foram questionados sobre a importância da música enquanto recurso didático para o ensino-aprendizado (Apêndice 03).

O questionário foi aplicado aos 20 alunos participantes que concordaram que ela (a Geografia) tem o poder de se relacionar com outras disciplinas, além de ter uma ampla escala de conhecimento pelo fato de trabalhar o meio físico, social, político, econômico. Ainda podemos perceber que a Geografia nas escolas é um pouco carente, pois, muitas vezes resulta da forma como o conhecimento é trabalhado pelo professor, fazendo da disciplina uma coisa sem importância.

Por isso, o primeiro questionário aplicado na Escola foi em relação ao ensino de Geografia e a sua importância para a vida, como se vê o conteúdo aplicado em sala de aula e se esse contribuía em sua formação.

No segundo momento, foi realizada aula de campo que teve a participação de um Professor da Universidade Estadual da Paraíba, conhecedor da história da Cidade de Campina Grande, que contribuiu de forma positiva na realização da aula com informações valiosas para todos que participaram, enriquecendo ainda mais o conhecimento dos alunos.

Sobre a aula de campo em Geografia, Oliveira (1998, p.17) afirma que, “a Geografia é antes de tudo a disciplina que permite, pela descrição, conhecer os lugares onde os acontecimentos se passaram”. Isso foi perceptível com a realização desta aula, pois foram vários os pontos observados durante todo o trajeto percorrido.

A aula teve início na Praça da Bandeira (Figura 03) e foi possível observar alguns prédios que ainda resistem e que fazem parte da história da cidade, a exemplo do Cine Capitólio, que na década de quarenta, era ponto de encontro de jovens e um local de lazer entre as famílias e que hoje se encontra abandonado e esquecido pelas repartições públicas.

Figura 03 - Alunos e professores no início da aula de campo - Praça da Bandeira.



Fonte: Próprio autor, 2013.

Em seguida, conseguiu-se observar diversos pontos que fazem parte da história da cidade, como o prédio dos Correios, a Escola das Damas, o Colégio Alfredo Dantas, a Praça Clementino Procópio, entre outros.

Percorreu-se as principais ruas do Centro da Cidade, as ruas João Pessoa, Maciel Pinheiro, o antigo Beco 31 e outras que contam a história da cidade. Em cada passagem uma parada e o professor, sempre com informações que entusiasmavam ainda mais os alunos,

deixando-os mais curiosos sobre a história de Campina Grande. Abordou sobre a atual escola Alfredo Dantas que já funcionou o cemitério das Boninas um dos primeiros da cidade. Este foi um dos pontos que despertou uma maior interação e interesse em conhecer a cidade.

Um ponto bastante observado no decorrer da aula foi uma das principais avenidas da cidade, a avenida Floriano Peixoto que, nas décadas passadas, não cortava a cidade como é hoje e no período que o senhor Vergniaud Wanderley assumiu o poder trouxe consigo o espírito urbanístico, modificando alguns dos principais pontos das cidades, inclusive a Igreja do Rosário, que se encontrava próximo a Praça Clementino Procópio e que transferida para o bairro da Prata, essa avenida hoje corta Campina Grande de Leste a Oeste.

Outro local que as alunas perceberam e relacionaram de forma imediata com a fala do professor foi à rodoviária velha, que antes era uma feira que comercializava bode e hoje é composta por várias lojas, como pode ser observado na Figura 4.

Figura 4 - Rodoviária velha, antiga feira de bode da Cidade.



Fonte: Próprio autor, 2013.

Finalizou-se a aula em frente à Igreja Matriz da cidade (Figura 05), a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde o Professor falou não só da igreja, mas do Grande Hotel onde funcionou durante muito tempo a prefeitura da cidade; da Cadeia onde hoje fica o Museu Histórico e Geográfico, e que teve Frei Caneca como um dos principais presos da época; da Associação Comercial e tantos outros pontos que marcaram a história da cidade.

Figura 05 - Últimas informações apresentadas pelo professor, em frente ao museu historiográfico de Campina Grande.



Fonte: Próprio autor, 2013.

Foi de fundamental importância à aula de campo no centro da cidade de Campina Grande, por ter sido possível relacionar a teoria com a prática. Os resultados da atividade desenvolvida permitiram que os alunos identificassem diferentes épocas corroborando com o pensamento de Milton Santos quando afirma “uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos (SANTOS, 1988 p.66). Assim, o alunado passou a conhecer melhor a historiografia da cidade, através das modificações e permanências na paisagem. Portanto, este estudo foi significativo para os alunos do Curso de Eventos, em virtude do conhecimento adquirido no qual deve ser referência para a atuação profissional futura.

Tal atividade promoveu nos alunos uma série de questionamentos e curiosidades, a saber: conhecer um pouco mais sobre a história da cidade, tendo como base os monumentos e prédios históricos, observando suas fachadas e refletindo sobre a utilização dos prédios atuais comparando com o passado.

E por fim, para complementar a proposta oferecida em relação ao conhecimento do espaço urbano de Campina trabalhou-se a letra da música de Marinês “Campina Grande Centenária”, pois, a mesma, logo no início procura se localizar geograficamente, quando fala na primeira linha da primeira estrofe. “No Nordeste brasileiro, na Paraíba do Norte”, daí percebeu-se a que espaço a letra se refere cartograficamente. Logo em seguida, pôde-se

observar na canção como e por quem a cidade foi ocupada, de onde os primeiros habitantes vieram e como era chamada a pequena cidade na música.

Seus primeiros habitantes
foram os índios Ariús
vindo de Bodopitá
fazendo a povoação
e os índios Cariris
Teodósio de Oliveira
foi quem trouxe pro lugar
aumentando habitação.

Fonte: aTube Catcher

Nesse trecho da música observou-se que o principal líder do povoamento foi Teodósio de Oliveira, ele era um Capitão Mor e que junto com os índios Ariús em sua passagem, na vinda do sertão citada na música como a serra de Bodopitá, passou em Campina Grande na parada para descansar começou a desenvolver a cidade, passando mais tempo do que o desejado, pois a cidade era um lugar agradável e, com isso, o mesmo passou a construir as primeiras casas, que em seguida se tornará cidade e passará a ser chamada Vila Nova da Rainha.

Acompanhando as mudanças da cidade e todo o seu crescimento, foi trabalhada a música de Jackson do Pandeiro “Alô Alô Campina Grande”, que traz na sua letra uma grande contribuição em relação ao desenvolvimento da cidade. Foi possível comparar as duas letras, tanto a de Marinês como a de Jackson, por a primeira fazer referência à cidade logo na sua descoberta e ocupação, e a segunda se refere a uma cidade de perfil mais moderno, pois o mesmo em sua letra aborda vários conteúdos geográficos, entre eles estão a Paisagem e o Lugar.

Nessa perspectiva, trabalhando a música de Jackson do Pandeiro com os alunos em sala de aula, os mesmos compreenderam que o poeta quando cita o seguinte trecho:

Alô Alô minha Campina Grande
Quem te viu e quem te vê
Não te conhece mais
Campina Grande ta bonita, ta mudada
Muito bem organizada, cheia de cartaz.

Fonte: www.vagalume.com.br

O autor se expressa em relação às modificações ocorridas no espaço, porque comparando com a música de Marinês que fala de uma cidade rústica e que foi compreendida com a leitura e observação de imagens antigas, a de Jackson fala de uma cidade que com o

passar dos tempos vem se embelezando com as mudanças, tornando-a uma cidade urbanizada, visualmente falando, linda.

Percebe-se que a presença do homem na transformação do espaço é predominante, construindo e transformando-o, embora se ressalte a coexistência entre diferentes tempos, ou seja, não existe um lugar onde tudo seja novo ou velho. Isso é visto na cidade, pois o velho ainda está inserido no novo, alguns resquícios do passado ainda se encontram presentes e preservados na forma de rugosidades (SANTOS, 1996, p. 112).

Outro ponto da música bastante discutido em sala é citado na letra de Jackson, no momento que o mesmo fala que a cidade recebe turistas o ano todo, isso mostra que esta cada vez mais se torna atraente, e fez com que os alunos da turma de eventos pesquisassem um pouco mais sobre os diversos eventos que a cidade oferece, aumentando ainda mais o campo de trabalho dos mesmos que estão se qualificando na área.

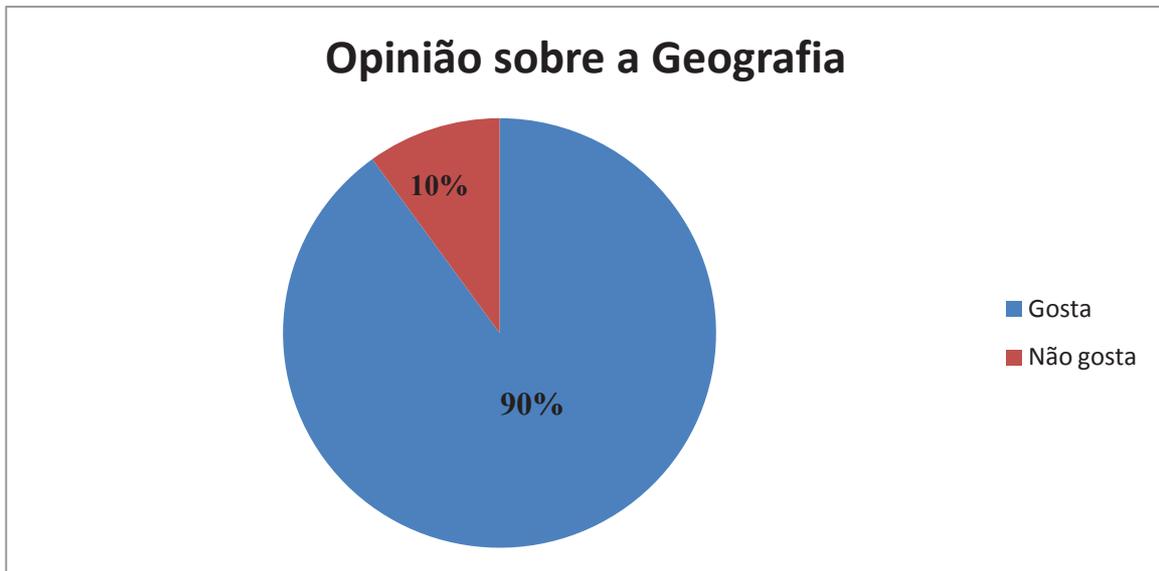
Se tratando de uma turma Técnica em Eventos, a busca por conhecimentos diferenciados se torna um fator primordial para seu futuro profissional, tendo sido relatado pelos os alunos que conhecer a cidade, através da música de artistas locais e que não era explorado até então enriqueceu e abriu um leque de informações que serão utilizadas na recepção de turistas que gostam de levar consigo o conhecimento da cidade; que valorizar os artistas é o primeiro passo para o desenvolvimento e o reconhecimento profissional dos mesmos; que a música ouvida e interpretada, discutida em sala de aula facilita na aprendizagem tornando-a mais prazerosa.

As perguntas propostas no questionário tiveram como finalidade perceber e analisar como os alunos percebem os conteúdos oferecidos pela escola para a sua formação profissional. Nesta etapa, foi fundamental, para observar as aulas e perceber a familiaridade que os mesmos têm com a disciplina, observar o nível intelectual dos alunos com relação à comparação e interpretação das músicas trabalhadas e o que eles pretendem levar como aprendizado para o futuro profissional.

No primeiro momento, foi observado que a disciplina de Geografia é de extrema importância, pois foi relatado por quase todos os alunos entrevistados. Pelo fato dos mesmos serem de uma turma de eventos, eles afirmaram que a Geografia aplicada na escola deixa a desejar por não se aproximar da proposta oferecida pelo Curso. Foi perguntado se com as aulas de Geografia eles conseguiam assimilar com a realidade e muitos afirmaram que sim, falaram que alguns conteúdos podem ser relacionados com o cotidiano, mas outros assuntos que poderiam ser mais aprofundado são esquecidos ou não são trabalhados como deveria.

No gráfico 01, as alunas relatam sua opinião sobre a Geografia. Da amostra de 20 participantes, 90% afirmou gostar da disciplina e apenas 10% se apresenta de forma contrária, por achar uma matéria cansativa.

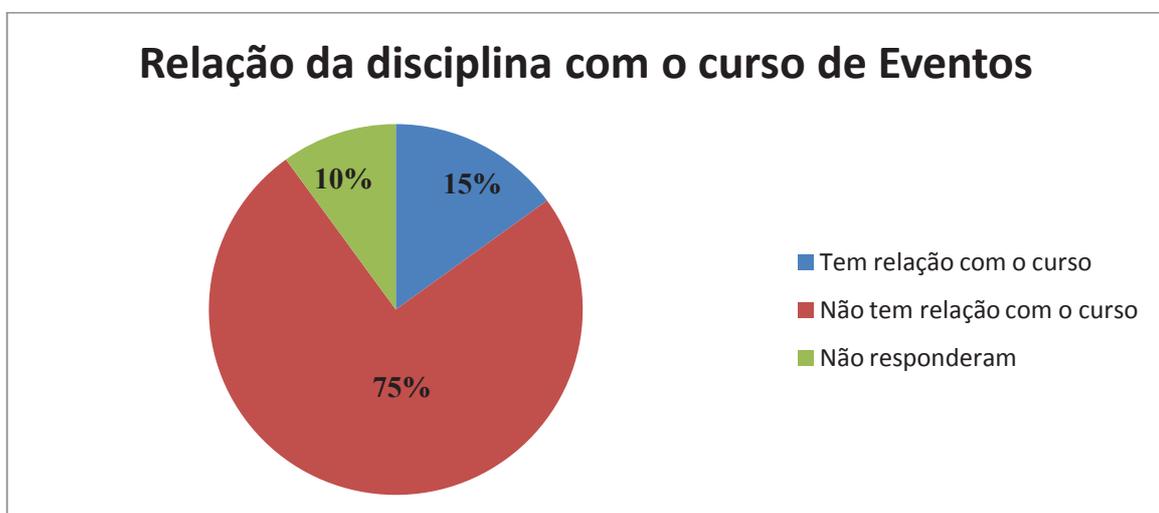
Gráfico 01 – Opinião dos participantes sobre a disciplina de Geografia.



Fonte: Pesquisa direta, SILVA, 2013.

No gráfico 02, observou-se que das 20 alunas participantes do projeto, 75% afirmaram que o plano de curso oferecido pela escola não tem relação com o Curso Técnico e Profissionalizante de Eventos, 15% acharam que tem relação, apesar de não ser trabalhado da forma que é proposta e 10% não responderam a pergunta.

Gráfico 02 - Relação da Geografia com o curso de Eventos.



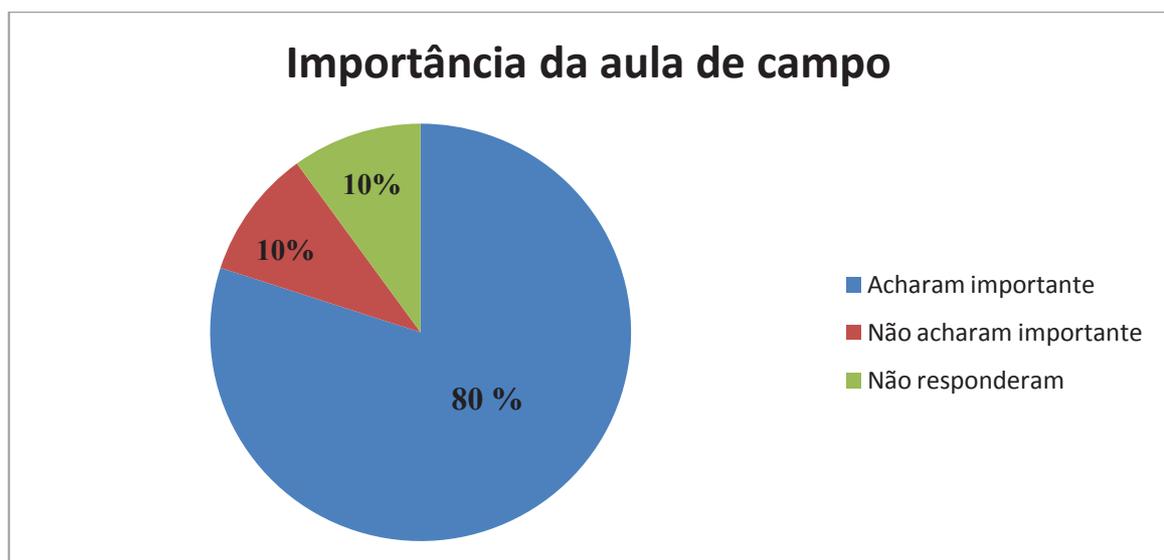
Fonte: Pesquisa direta, SILVA, 2013.

Em relação à aula de campo, obteve-se um resultado positivo, visto que os relatos afirmaram ser importante na sua qualificação profissional. Como podemos ver na fala das alunas: “a aula foi positiva, por ser bastante relevante ao aluno do Curso de Eventos e ter o conhecimento a respeito da cidade, pelo fato de Campina Grande ser uma cidade turística e com eventos que engrandecem o nome da cidade”; outra respondeu: “trouxe positividade, pois como eu muitos alunos desconheciam tanto a arquitetura como toda história de Campina Grande”; “foi ótimo para nosso Curso, para aprimorar nossos conhecimentos”; “a aula nos relatou coisas que não sabíamos e é muito interessante para o aluno do Curso de Eventos saber, ter conhecimento nem que seja pouco sobre a história da cidade”.

Com isso, pode-se perceber que foi de fundamental importância, pois a aula foi um complemento do que se trabalhou em sala de aula, porque os alunos foram preparados antecipadamente e posteriormente vivenciaram a aula com grande compreensão e maturidade.

No gráfico 03, foi analisada a importância da aula de campo para a Geografia e para o Curso de Eventos, utilizando a mesma amostra de 20 participantes, onde a grande maioria, ou seja, 80% acharam de fundamental importância a realização da aula de campo, como uma forma de aproximar a teoria a prática; 10% não acharam a aula interessante por acreditar que a leitura é suficiente para adquirir conhecimento e 10% não responderam.

Gráfico 03 - Importância da aula de campo para a disciplina e para o curso.



Fonte: Pesquisa direta, SILVA, 2013.

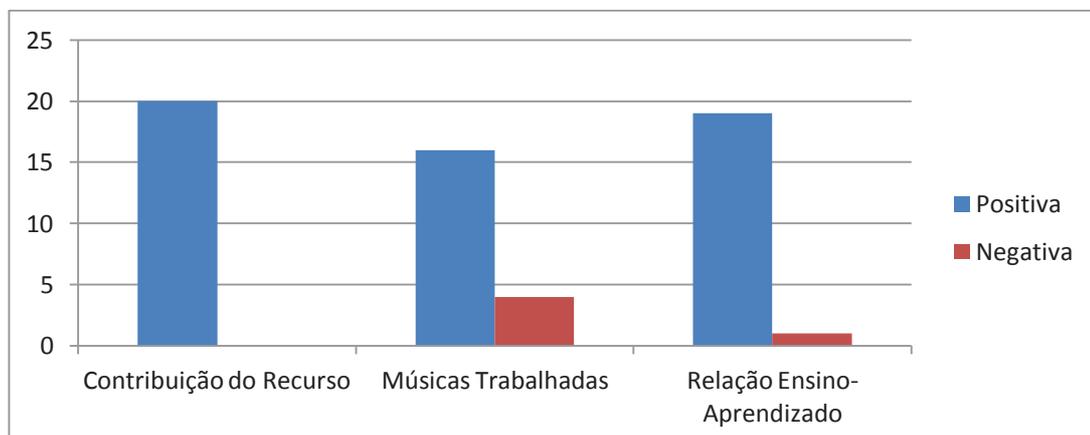
Quanto à música, os resultados obtidos foram satisfatórios na construção do conhecimento dos alunos, visto que as respostas foram bastante positivas, pois os mesmos se

empenharam ainda mais e se identificaram com o método de ensino afirmando que a aula torna-se mais prazerosa, por que a letra da música trabalhada de forma aprofundada e bem discutida em sala de aula, mostra outro lado do conhecimento, não perceptível nas aulas tradicionais, a música deixa a compreensão do assunto mais claro.

Segundo relato de uma aluna do 2º ano da referida escola “a música possibilitou de maneira lúdica e clara, conhecer a história de nossa cidade, além de ser uma maneira de destacar os próprios artistas locais que são desvalorizados pela população local”; outra aluna da mesma turma acrescenta que “a música é uma importante ferramenta para o ensino-aprendizado, proporcionando um estado agradável, facilitando a concentração e o desenvolvimento do raciocínio”. Partindo desse princípio concluímos que, a música, nas aulas de Geografia, torna a aula mais dinâmica e atraente, contribuindo de forma positiva na construção do conhecimento.

O gráfico 04, foi observado em três momentos, à aceitação da música como recurso didático. O primeiro foi relacionado à contribuição do recurso na disciplina, onde o resultado foi bastante satisfatório, visto que 100%, ou seja, as 20 participantes da pesquisa avaliaram de forma positiva. No segundo foram analisada as músicas trabalhadas em sala de aula, relacionando-as ao conteúdo e a aula prática. Nestes 80% (16 alunas) avaliaram de forma positiva, levando em consideração não só a relação com a disciplina como também o resgate da história da cidade e reconhecimento dos artistas locais. 20% (04 alunas) por não terem conhecimento das músicas utilizadas e não gostarem do estilo musical avaliaram de forma negativa. E, por fim, no terceiro momento foi analisado a relação do recurso com o ensino-aprendizado, 95% (19 alunas) relataram ser positivo por dinamizar a aula tornando-a mais atraente e empolgante; e apenas 5% (01 aluna) avaliou como negativa.

Gráfico 04 - Aceitação da música enquanto recurso didático



Fonte: Pesquisa direta, SILVA, 2013.

Durante todo trabalhado desenvolvido na turma percebeu-se uma participação notória, um despertar nos alunos, um interesse em conhecer a cidade, atingindo assim o objetivo e a proposta lançada aos alunos fazendo deles seres críticos e questionadores, que pensam de forma mais ampla, vendo todos os sentidos que as letras das músicas independente do gênero musical quer repassar.

Percebeu-se que os resultados alcançados através da intervenção dos licenciandos do projeto PIBID foram positivos, já que os alunos afirmaram ter aprendido bastante, podendo utilizar os conhecimentos adquiridos no seu futuro profissional.

A ciência geográfica relaciona um campo do saber abrangente e rico de possibilidades, pois o espaço geográfico aponta caminhos para uma enorme possibilidade de discussões que podem ser explorados pelos professores. Com isso, cabe aos educadores mediar esse conhecimento, a fim de levar seus alunos a vivenciarem, de forma mais intensa a Geografia, já que a maior parte dos educadores hoje ainda estão presos aos velhos métodos de ensino, conduzindo as aulas de Geografia apenas com o livro didático, distanciando os educandos da realidade e não explorando o cotidiano dos mesmos, atrofiando a capacidade de reflexão.

Sabe-se que durante as aulas de Geografia, os alunos, na maioria das vezes, tem um conhecimento geográfico empírico, e muitos conseguem entender o que o professor quer repassar, mas como a forma de transmitir esse conhecimento é bastante monótona a aula se torna muito cansativa, algo que não poderia acontecer na disciplina, visto que a mesma tem um papel fundamental na formação do cidadão.

Nessa perspectiva que se necessita repensar a relação de como o professor guia o conhecimento em sala de aula com os alunos, não podendo utilizar apenas do livro didático nas aulas, ou utilizar diversas mídias e seguir a mesma metodologia, pois sabemos que existem diversos recursos que podem complementar na construção do conhecimento conforme trata Kimura (2001)

Se o livro didático for utilizado como um material auxiliar de apoio ao trabalho didático do professor, este poderá apoderar-se do mesmo, da mesma maneira como ele apropria-se das diversas mídias. O livro didático será assim uma dentre todas as outras mídias. Dessa maneira, esse material poderá apenas fazer parte do acervo de estratégias para elaboração do fazer-pensar do professor, que poderá assim construir sua autonomia, não se colocando como um refém do livro didático ou de qualquer outra tecnologia educacional. (KIMURA, 2010, p. 26)

Motivar para a superação da falta de estímulo nos alunos é papel do professor, ele será o mediador entre os conteúdos e aprendizagem. As maneiras de explicar e trabalhar os

assuntos são determinantes no processo de ensino e aprendizagem para se torná-lo mais enriquecedor.

Deve-se diversificar a forma de ensinar, tem que procurar ao longo das aulas, trabalhar com vários recursos didáticos, assim os alunos terão várias possibilidades de aprender e não ficarão presos a uma única forma de desenvolver seus conhecimentos. Pode-se perceber isso na escola onde a pesquisa foi desenvolvida, pois através de um levantamento surgiram algumas sugestões de aulas, e junto com a professora procurou-se atender esse pedido de tornar a aula mais dinâmica.

Como as sugestões para as aulas futuras abordadas pelos alunos foram aulas que tivessem uma aproximação maior com o Curso de Eventos, um aprofundamento em relação ao espaço vivido por eles, um melhor conhecimento sobre a da cidade de Campina Grande, onde residem.

A realização de uma aula de campo provocou uma maior aproximação do objeto de trabalho, porque os alunos tiveram a oportunidade de perceber e comparar, com a utilização de imagens antigas, como a cidade mudou de décadas passadas para os dias atuais, e o que ainda está preservado como resquício de tempos pretéritos, na forma de rugosidades denominadas por Milton Santos (1996) como ações humanas e que as sociedades vão imprimindo suas construções ao espaço geográfico, registrando suas atividades, costumes, tecnologias, culturas e que algumas dessas construções materiais ainda existem até nossos dias e carregam consigo toda sua história. As rugosidades podem ser percebidas pelas construções lado a lado.

Pode-se compreender a valorização e serventia da aula de campo e suas relações envolventes dentro e fora da sala de aula ainda mais essa questão no espaço onde foi proposta tal pesquisa, as construções que ainda estão presentes e que resgatam a história, apresenta essa sensação de rugosidade, pois são atividades desenvolvidas por seres humanos. Silva apud Oliveira e Assis (2009, p. 199) argumenta

A aula de [em] campo deve vir a complementar os conteúdos tratados em sala de aula, motiva ela o aprendizado, aprofundando o interesse pela pesquisa e favorecendo maior relacionamento entre alunos, entre alunos e professores, entre a escola e a realidade em estudo. Além disso, propicia avaliar a participação do aluno na leitura da realidade desenvolvendo o senso crítico, atitudes de responsabilidades e consciência do mundo em que. (SILVA *apud* OLIVEIRA, ASSIS 2009, p. 199).

Foi nessa perspectiva que se pensou na aula de campo, com o intuito de proporcionar aos alunos não só um diferencial, mas aproximá-los da realidade, ter um melhor contato com a proposta do ensino que era observas as mudanças paisagísticas da cidade. Oliveira e Assis (2009) ainda complementam

O conceito de aula de campo afirmando que. A aula em campo é uma atividade extrassala/extraescola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. (OLIVEIRA, ASSIS 2009, p.198)

Com isso, podemos perceber os pontos positivos que a aula de campo trás para com a construção do conhecimento do aluno, enriquece ainda mais o ensino-aprendizado além de aproximar a realidade vivida pelos mesmos, unindo a teoria à prática. As aulas se desvelaram dinâmicas por assimilar os conteúdos vistos em sala de aula e no campo, tendo, em seguida, uma discussão das músicas analisadas, gerando uma melhor compreensão do que foi proposto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa enriquece as formas de pensar o conhecimento para as aulas de Geografia, demonstrando que se é capaz de levantar possibilidades de interagir teoria-prática. Para tanto, o professor precisa ser um mediador, despertando no aluno a curiosidade, e apresentando-lhes as prováveis relações de diversos temas da Geografia com a realidade vivenciada por meio de situações facilitadoras da aprendizagem. , causando uma maior motivação no ensino- aprendizagem.

O estudo do meio e a música, independente do gênero, são indispensáveis para o ensino aprendido em Geografia e consistem em possibilidades pedagógicas que estimulam e motivam o aluno no processo ensino-aprendizagem em Geografia, tornando-o significativo, por tratar do cotidiano na cidade e em vários lugares, no trabalho, em casa, na rua. Estes são instrumentos educadores para a compreensão de um espaço mais humano.

O Trabalho com a aula de campo associada a utilização das músicas dos artistas locais enriquece a formação docente e a prática de ensino em Geografia nas escolas e de forma contributiva favorece na troca de experiência e de conhecimentos entre alunos e professores. O conjunto de atividades se desenvolveu despertando nos indivíduos uma

capacidade de ação e de criação de perspectivas dinamizadoras no processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia ciência da sociedade**: uma introdução a análise do pensamento geográfico. São Paulo: Ed Atlas S.A. 1992.
- CÂMARA, Epaminondas de, **Datas Campinenses**. Campina Grande: Ed. Caravela, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza, **Geografia, escolar e construção de conhecimentos**. 16 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo. Ed Ática S.A, 1993.
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro; Ed. UERJ, 2009. pagina inicial-final
- GOETTEMS, A. A. **Problemas ambientais urbanos**: desafios e possibilidades para a escola pública. São Paulo: USP, 2006. 221 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia Pequena História Crítica**: 21ªed. Editora Annablume, São Paulo, 2007.
- OLIVEIRA, Maria José Silva, RODRIGUES José Edimilson. **Memórias da modernidade campinense**: 100 anos do trem. Ed Agenda, 2007. p. inicial-final
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org). **Para onde vai o ensino de geografia?** 7 ed. São Paulo: Contexto. 1998.
- OLIVEIRA, Marlene Macário de. **A cidade e o urbano na geografia escolar a partir do estudo do meio**. Notas de aula da disciplina Estágio Supervisionado IV. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2013.
- OLIVEIRA, M. M.; FARIAS, P. S. C.; SA, A. J. O meio ambiente na Geografia Crítica e na Geografia Humanística: desafios metodológicos para uma didática reflexiva do espaço na escola. *Revista de Geografia*. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 25, n. 3, p.108-121, set/dez. 2008.
- OLIVEIRA, Chistian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **Travessias da aula em campo na Geografia escolar**: a necessidade convertida para além da fábula. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.35, n.1, p 195-209, jan./ abr. 2009.
- PINHEIRO, E. A. *et al.* O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.14, n. 23, p. 103-111, 2004.

RESENDE, M. S. **A geografia do aluno trabalhador**: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1986.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Una breve historia de la formación del(a) profesor(a) de geografia en Brasil**. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: ed. universidade, 2004.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: ed Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo. ed. Hucitec, 1996.

SCHROEDER, Hélio. A música como linguagem no ensino do espaço geográfico urbano. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, Guarapuava, 2009.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**. 02 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. Universidade Federal de São Paulo, 2000.

APÊNDICE

APÊNDICE 01

Questionário sobre a opinião da disciplina e a relação da Geografia com o curso de Eventos



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID

01. Qual a sua opinião a respeito da disciplina de Geografia?

1 () Gosta

2 () Não gosta

Justifique sua resposta:

02. Em sua opinião, qual é o papel que a Geografia desempenha na escola, sobretudo no nível médio?

03. Você consegue perceber se existe aproximação entre os objetivos do ensino de Geografia e a forma como a disciplina é trabalhada na sua escola? *Explique*.

04. Relate um pouco de sua experiência ao estudar Geografia nos níveis fundamental e médio, ou seja sobre as metodologias e recursos didáticos utilizados pelos professores, sobre os processos de avaliação escolar, etc.

05. Apresente algumas sugestões para o ensino de Geografia na sua escola.

APÊNDICE 02

Questionário sobre a importância da aula de campo para a disciplina e para o Curso

PROJETO PIBID/UEPB/ TÍTULO: CONHECENDO CAMPINA GRANDE

Questionário sobre a aula de campo, realizada no dia 25/03/2013.

1ª O centro histórico de Campina Grande, como vimos na aula de campo realizada no dia 25/03/2013, resgata muitas histórias. Em sua opinião elas foram bem abordadas pelo Professor Antônio Albuquerque? Qual? Por quê?

2ª Qual monumento histórico observado e apresentado lhe chamou mais atenção. Por quê?

3ª Há pessoas em seu convívio familiar, que possa relatar alguma história sobre Campina Grande nos tempos passados. Qual? E quais mudanças paisagísticas, observadas e percebidas por eles, podem ser transpassadas em relato?

4ª Você perdeu o interesse em algum momento da aula? Se sim, o que poderíamos ter feito para que a aula mantivesse o foco desejado?

5ª No questionário aplicado no semestre passado, a aula de campo estava entre um dos complementos mais importantes nas aulas de Geografia para com o objetivo do Curso de Eventos. Após a realização da aula, esta continua sendo necessária? Por quê?

6ª O que a aula de campo trouxe de positivo ou negativo, para a formação profissional do aluno no Curso de Eventos?

APÊNDICE 03

Questionário sobre aceitação da música enquanto recurso didático

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO

- 1^a O que você entende por música?
- 2^a Que relação a música tem em sua vida?
- 3^a O que mais chama atenção nas músicas que retratam Campina Grande?
- 4^a Qual a importância dessas músicas para o desenvolvimento cultural?
- 5^a Cite músicas nordestinas que marcaram épocas de sua vida.
- 6^a Faça uma comparação entre as letras das músicas: Campina Grande Centenária de Marinês e Alô Alô Campina Grande de Jackson do Pandeiro, a partir do que foi trabalhado em sala de aula e em campo.
- 7^a As músicas trabalhadas em sala de aula enriqueceram no conhecimento do tema, facilitando o aprendizado? Por quê?
- 8^a Você acha que a música é uma ferramenta importante para o ensino-aprendizado? Por quê?
- 9^a Tendo Campina Grande como exemplo, cite duas músicas que aborde fatos percebidos em seu dia-a-dia.